

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CÂMPUS DE AQUIDAUANA  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ ESPANHOL**

**YASMIN DA SILVA CANDELARIO**

**OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E EDUCACIONAIS NA  
EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS NO MATO GROSSO DO SUL**

**Aquidauana – MS  
DEZEMBRO 2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CÂMPUS DE AQUIDAUANA  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ ESPANHOL**

**YASMIN DA SILVA CANDELARIO**

**OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E EDUCACIONAIS NA  
EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS NO MATO GROSSO DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à UFMS - Universidade  
Federal de Mato Grosso do Sul Campo  
Grande como requisito para a obtenção do  
Título de licenciado em Letras  
Português/Espanhol sob orientação do  
Prof. Dr. Bruno Roberto Nantes Araujo.

**Aquidauana- MS  
DEZEMBRO 2024**

# FOLHA DE APROVAÇÃO

YASMIN DA SILVA CANDELÁRIO

## **OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E EDUCACIONAIS NA EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS NO MATO GROSSO DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campo Grande como requisito para a obtenção do Título de licenciado em Letras Português/Espanhol sob orientação do Prof. Dr. Bruno Roberto Nantes Araujo.

Resultado: APROVADO

Aquidauana – MS, 08 Dezembro de 2024

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Bruno Roberto Nantes Araujo (UFMS/CPAQ)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Facunda Concepcion Mongelos Silva (UFMS/CPAQ)

---

Prof. Me. Magno Pinheiro de Almeida (UFMS/CPAQ)

## DEDICATÓRIA

Ao meu bondoso Deus, e dedico a meus pais Vânia e Juca que são os meus braços direitos, e ao meu querido esposo, que sempre esteve ao meu lado, e aos meus familiares, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS:**

Agradeço, primeiramente, a um Ser Superior o qual denomino Deus, por ter me amparado nos momentos de fragilidade, por nunca ter me abandonado e por sempre ter guiado os meus passos.

Aos meus pais, são guerreiros, sempre esteve ao meu lado nessa caminhada, que me inspirou-me a nunca desistir dos meus estudos, e para que eu pudesse estar aqui hoje.

Ao meu esposo Arilson Junior, que acompanhou, diariamente os meus choros de preocupações, e esteve comigo nessa trajetória.

Agradeço aos meus familiares de sangue em geral, e aos meus amigos universitários e professores que estiveram comigo durante essa caminhada até aqui.

Agradeço ao meu professor orientador Bruno Roberto Nantes Araújo, pela dedicação e instrução ao decorrer da orientação, por sua sabedoria e ousadia em buscar sempre o inusitado e por acreditar em mim.

Às escolas por onde passei, aos meus parentes indígenas e professores indígenas que me deram aula até chegar ao nível superior.

A todos que de certa forma contribuíram para a criação desse tema e deste trabalho, o meu muito obrigada!

## RESUMO

As pesquisas feitas sobre a cultura indígena e Língua Indígena de Sinais (LIS) e a educação e escolarização dos indígenas surdos no território indígena da cidade de Miranda - MS, se faz eficaz às necessidades de pesquisar a fundo, as dificuldades que esses indígenas surdos, e indígena terena, sofrem em relação por ser surdo e por ser indígena, ou seja, essa pesquisa visa abordar muito esses aspectos de como é o aprendizado da Língua Indígena Terena de Sinais, os sinais caseiros feitos por eles mesmos, e com o entendimento da própria família. Contendo que há duas dificuldades que os indígenas surdos sofrem, preconceito de ser surdo e ser indígena, e isso os torna mais incapazes perante a sociedade. As pesquisas de vivências no ambiente escolar, juntamente com alunos surdos em escola pública dentro da cidade de Miranda, o modo de como foi importante a ajuda dos professores intérpretes, o quanto foi importante e crucial a presença em sala de aula. E coletando informações de indígenas surdos dentro da cidade de Campo Grande MS, que se localiza na área urbana, aldeia Água Bonita. Ou seja, foram analisadas e coletadas as pesquisas feitas na cidade de Miranda/MS, na aldeia Babaçu, Aldeia Argola, Aldeia Cachoeirinha. As pesquisas foram realizadas na cidade de Campo Grande//MS, na aldeia urbana, Água Bonita. Na qual, nessas aldeias citadas, encontram-se indígenas surdos que habitam nessas devidas aldeias.

**Palavras- chave:** Educação Indígena. Indígenas Surdos. Língua Indígenas de Sinais (LIS)

## Resumen

La investigación realizada sobre la cultura indígena y la Lengua Indígena Terena de Sinais (LIS) y escolarización de los indígenas sordos en el territorio indígena de la ciudad de Miranda/MS, resulta eficaz para satisfacer las necesidades de investigación en profundidad sobre Las dificultades que enfrentan estos indígenas sordos y los indígenas Terena, en relación a ser sordos y ser indígenas, es decir, esta investigación pretende abordar estos aspectos de como es aprender la Lengua de Señas Indígena Terena, las señas caseras hechas por a ellos mismos y con la comprensión de la propia familia. Considerando que hay dos dificultades que padecen los indígenas sordos, el prejuicio de ser sordo y ser indígena, y estos los hacen más incapaces en la sociedad. Así, la investigación fue Así, la investigación recorrió experiencias en el ámbito escolar, junto con estudiantes sordos en un colegio público de la ciudad de Miranda, fue de mucha importancia la ayuda de los intérpretes que importante fue su presencia en el aula. Y recolectar investigación de indígenas sordos dentro de la ciudad de Campo Grande/MS, que está ubicada en el área urbana, Aldea Agua Bonita, es decir, investigación realizada en la ciudad de Miranda/MS, en la Aldea Babaçu, Aldea Argola, Aldea Cachoeirinha, así, en estos pueblos se realizaron análisis y colectas. La investigación se realizó en la ciudad donde se ubican indígenas sordos que viven en estos pueblos. En los cuales, en estos pueblos antes mencionados, hay indígenas sordos que viven en estos pueblos.

Palabras Claves: Educación Indígena. Indígenas Sordo. Indígenas y Lengua de Señas Indígenas (LIS).

## **Lista de ilustrações:**

Imagem 1: A residência de dona Solange e seu filho Indígena surdo.....

Imagem 2: Djamilson, atualmente tem 18 anos, indígena surdo da Aldeia

Argola.....

Imagem 3: Eu, dona Clailza juntamente com sua filha surda Regiane, na igreja

Evangélica Indígena Renovada da Aldeia Água Bonita - Campo

Grande.....

Imagem 4: O sinal de Regiane.....

## **Lista de siglas**

**MEC** - Ministério da Educação

**UFMS** - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**FUNAI** - Fundação Nacional do Índio

**LIS** - Língua Indígena de Sinais

**Libras** - Língua Brasileira de Sinais

**TI** - Terra Indígena

**TILS** – Tradutor Intérprete de língua de sinais

**EEICT** - Escola Estadual Indígena Cacique Timóteo

**EECP** - Escola Estadual Caetano Pinto

**APAE** - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

**CEADA** - Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação do Estado de Mato Grosso do Sul.

**IPEDI** – Instituto de Pesquisa e Diversidade Intercultural

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
1.1 Quem sou eu, de onde falo e justificativa da pesquisa.....	9
1.2 Problemática da pesquisa.....	13
1.3 Objetivo Geral.....	16
1.4 Objetivo Específico.....	16
<b>2 PESQUISAS SOBRE A LIS E A EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS EM MATO GROSSO DO SUL</b> .....	17
2.1 Revisão bibliográfica.....	17
2.2 Indígenas Surdos na cidade de Miranda e os avanços políticos sobre a educação bilíngue para indígenas surdos no MS.....	32
<b>3 A Pesquisa ETNOGRÁFICA</b> .....	39
3.1 As vivências e experiências com alunos surdos dentro do ambiente escolar .....	40
3.2 Indígena Surdo da Terra Indígena na Aldeia Argola .....	42
3.3 As dificuldades enfrentadas do indígena surdo dentro do ambiente escolar .....	48
3.4 Indígena Surda da Aldeia Urbana Água Bonita .....	51
<b>4 A LÍNGUA INDÍGENA DE SINAIS (LIS) E A EDUCAÇÃO ESCOLAR</b>	
<b>Considerações Finais</b> .....	56
<b>Referências</b>	
<b>Bibliográficas</b> .....	58

## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1 Quem sou eu, de onde falo e justificativa da pesquisa**

Sou indígena Terena, moro desde a infância na Aldeia Argola, localizada na cidade de Miranda no estado de Mato Grosso do Sul (MS). Sempre morei dentro da comunidade indígena, em toda a minha juventude escolar, estudei em uma escola pública na aldeia, na qual, todos os meus professores eram indígenas, meus pais sempre me deram total apoio para concluir meus estudos, sonhavam que eu fizesse uma faculdade e que me formasse. Aliás, acredito que esse é o sonho de qualquer pai e mãe, querer o bem para seus filhos.

Eu falo e entendo a língua indígena terena, pois é necessário e importante para fortalecer nossa cultura e nossa identidade, além de expandir a nossa língua indígena, contudo, entre os nossos jovens da comunidade muitos estão deixando de falar a língua, ou seja, a língua terena está sendo esquecida por essa geração atual.

Desde que ingressei na escola, aprendi a ler e aprender as coisas em geral, tudo que a educação escolar oferece, no ambiente escolar, como citei no começo, todos os professores são indígenas, capacitados para assumir uma sala de aula. Se tratando da nossa língua materna, a língua terena, assim que o aluno começa a ler, a língua terena vem acompanhando essa evolução, pois não

podemos deixar essa língua morrer no tempo. A disciplina de língua terena é obrigatória na educação escolar indígena, pois é a nossa língua materna.

O meu interesse por este tema de pesquisa, para além das aulas das disciplinas de “Estudos de Libras” e “Língua Portuguesa para surdos como segunda língua que estudei durante a graduação”, surgiu através da minha observação e indignação no ensino fundamental. Pois recordo-me que os alunos indígenas surdos naquela época ainda não tinham apoio e nem atendimento especializado com professores ou tradutores intérpretes de língua de sinais (Tils), então diante dessas dificuldades e necessidades os alunos surdos migravam para escola da cidade mais próxima da aldeia.

Apesar da comunidade indígena ser muito grande, todos se conheciam, e outra lembrança que tenho foi de uma criança surda de aproximadamente 10 anos de idade. Na época, veio falar comigo em línguas de sinais, na ocasião, não soube responder, fiquei muito triste, vivi momentos de tensão, pois queria conversar com a criança. Nesse contexto, pude refletir sobre como é necessário ter alguém dentro da comunidade com capacidade para ensinar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) para os alunos. Naquela época, não me atentava ainda sobre a Língua Indígena de Sinais (LIS).

Como estudava no período matutino, pegava o ônibus para ir à escola, todas as manhãs, via no ponto de ônibus os três alunos surdos da minha aldeia, indo para cidade, por conta que não havia ainda professores especializados para atender esses alunos.

No ano de 2017, ingressei-me no Ensino Médio, em uma escola pública na cidade, na zona urbana, tinha muita curiosidade em saber como era o ensino escolar por lá, naquele tempo, busquei novos aprendizados de convivência, assim, comecei a estudar na Escola Estadual Caetano Pinto (EECP), na cidade de Miranda - MS.

Do meu ponto de vista, tinha a mesma qualidade de ensino que a escola da aldeia, mas dentro do ambiente escolar da cidade, tinha a inclusão dos alunos com deficiência (PCDs) e principalmente, para os alunos surdos, tendo professores tradutores intérpretes de língua de sinais, tais profissionais são capacitados nessa área. A professora Karla Tortoza Gonçalves de quem tive o prazer de conhecer, atendia e acompanhava alunos surdos dentro da minha sala de aula, não conhecia ninguém na escola nova, mas logo construí novas amizades, e, principalmente uma grande amizade com dois alunos surdos:

Jucilene, uma aluna indígena surda, que morava na aldeia Babaçu e o querido Cleiton que morava na cidade de Miranda.

Ambos reclamavam das dificuldades que tinham, pois ninguém sabia interpretar o que eles diziam com as mãos, até hoje lembro com carinho deles e estão guardados em meu coração, uma amizade pura e sincera. As coisas melhoraram para eles, depois do apoio e atendimento com tradutora intérprete de língua de sinais (Tils), tornando mais fácil a compreensão dos assuntos, das aulas e da convivência. Inclusive a colaboração de todos os alunos da classe para acolhê-los nos trabalhos, nos projetos escolares contribuíram para inclusão desses alunos. A convivência que tive com eles mudou o meu modo de pensar, me senti motivada e entusiasmada para aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Em meio às dificuldades e a vontade de querer aprender, eu pesquisava no YouTube para compreender o básico para me comunicar com meus amigos surdos. Assim, eles me apresentaram outra colega surda, que se chama Patrícia, morava em Miranda. Nos tornamos grandes amigas, tive muita dificuldade de conversar com os três amigos surdos. Me recordo que uma certa vez, Patrícia me ajudou para poder entender o que ela estava dizendo a mim, tanto que ela escreveu tudo no papel as palavras o que ela queria dizer para mim, pois eu tinha uma enorme dificuldade de entender.

No ano de 2018, a Escola Estadual Caetano Pinto em Miranda, realizou uma grande “Feira de Ciências”, para facilitar a identificação de cada colega da sala de aula, meus amigos surdos criaram sinais para cada aluno (*o sinal é criado a partir do olhar da pessoa surda, observam se tem alguma pinta, ou características que possa identificar e criar o sinal através de uma Configuração de Mãos – CM<sup>1</sup>, como se fosse o seu nome na língua de sinais*) e registramos cada sinal por meio de fotografias, até mesmo por que na escola havia outros surdos e tinham outros que viriam para a feira de ciências, assim, ficaria mais fácil de conhecer cada um. Inclusive, também tive o meu sinal criado, é a configuração de mão - CM que representa a letra ‘Y’ do alfabeto manual, o ponto

---

<sup>1</sup> [...] Configuração da mão (CM): é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal. (Strobel; Fernandes, 1998, p. 08)

de articulação<sup>2</sup> na cabeça - PA e Direcionalidade – D de cima para baixo representando os meus cabelos longos e pretos.

---

<sup>2</sup> [...] Ponto de articulação (PA): é o lugar do corpo onde será realizado o sinal. (Strobel, Fernandes, 1998, p. 09).

Dessa forma, iniciou o meu interesse de aprender a língua de sinais, e no caso a língua brasileira de sinais - Libras que do qual eles já eram sinalizastes. É um tesouro sem fim, é uma língua reconhecida legalmente através da Lei nº 10.436 de 24 de abril 2002, e tem um papel fundamental na sociedade em geral. A comunidade surda tem o direito às informações e a comunicação.

Outro fator que colaborou pelo interesse por essa temática, foi participar de um projeto de curso de Libras nível básico e outros cursos, organizados pela tradutora intérprete da escola juntamente com o apoio da direção com o intuito de minimizar as dificuldades de comunicação entre os estudantes ouvintes e os estudantes surdos, colaborando também para que a comunidade surda seja mais acolhida e inclusa na comunidade escolar. Era oferecido em forma de projeto, embora o Decreto 5.626/05 já orienta que a disciplina de Libras deve ser inserida no currículo em cursos de formação em todos os níveis, como diz no seu Art. 3º:

[...] A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal, nas diferentes áreas dos municípios. 1; Todos os cursos normal de nível médio, curso normal superior, o curso de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério( BRASIL, 2005. P. 2).

O sonho seria que já tivesse como disciplina no meu ensino médio, tive a disciplina Estudo de Libras e Língua Portuguesa como segunda língua somente na graduação como disciplinas obrigatórias. Voltando, aproveitando aquela iniciativa na época, realizei o curso de Libras do qual era oferecido todas as terças-feiras no contraturno lá na escola Estadual Caetano Pinto na cidade de Miranda, teve a duração de 5 meses e houve certificação. Particpei de todas as aulas, aprendi o básico de libras, facilitando a minha comunicação com os meus colegas. No final do Ensino Médio, voltei a estudar na escola indígena da minha aldeia, a Escola Estadual Indígena Cacique Timóteo, localizada na Aldeia Cachoeirinha, e assim, finalizei a educação básica.

Depois de todas essas vivências, ingressei **ao** ensino superior na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPAQ) na cidade de

---

Aquidauana, uma cidade próxima de Miranda. Ingressei no Curso de Letras habilitação Português/ Espanhol, e no curso já existia a disciplina de “Estudos de Libras” e a disciplina ‘Língua Portuguesa como segunda língua’.

Atuar como professora nunca foi minha primeira opção, porém, já vivia este contexto escolar em casa mesmo, pelo simples fato de ser filha de professora, minha mãe é formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), meus tios e tias também estão incluídos neste contexto da educação. Ou seja, minha avó, formou os 4 filhos dentro da área da educação, todos são professores e atuando na área. Com isso, não tive como fugir, estou galgando os mesmos passos da minha família. Foram as experiências na faculdade, as práticas e discursos no meio acadêmico que foram amadurecendo e afirmando em meu consciente o que eu queria ou viria a me tornar. Aos poucos estou internalizando essa concepção até a formatura, durante esse percurso da graduação obtive grandes aprendizados.

O curso de Letras me faz querer ir mais além, o curso me proporcionou novos aprendizados, participei de vários projetos oferecidos pela universidade, inclusive o Programa de Iniciação à Docência (PIBID), que participei e ajudei professores no ambiente escolar, e nas horas vagas eu ministrava as aulas, e nesse projeto fiquei durante 1 ano e 6 meses.

Prestes a conclusão do Curso da graduação em Letras, um novo desafio me apareceu: um emprego. Fui aprovada em um processo seletivo na capital do estado de Mato Grosso do Sul, a cidade de Campo Grande, para ocupação do cargo de Assistente de Educação Infantil, um novo caminho de aprendizado tenho percorrido, dentro do ambiente escolar, me fez ter mais certeza que eu estou no caminho certo, que é o rumo a educação, de ser professora. E quero estar preparada quando eu tiver um aluno surdo em sala de aula, principalmente, respeitando suas identidades indígenas e surdas.

## **1.2 Problemática da pesquisa**

A partir da minha trajetória de vida enquanto indígena na escolarização tanto no ensino básico quanto no ensino médio e superior. E a minha observação das dificuldades comunicacionais, educacionais e legais em relação aos

estudantes indígenas surdos, criou-me alguns questionamentos sobre como está acontecendo a escolarização desses estudantes na atualidade? Será que aqueles amigos indígenas surdos que passaram por minha trajetória escolar ingressaram no ensino superior? Será que os estudantes indígenas surdos ainda estão tendo dificuldades para encontrar tradutores intérpretes nas escolas indígenas? Será que ainda estão precisando migrar de cidade para terem um atendimento educacional especializado? Será que houve avanços positivos em políticas públicas, linguísticas e educacionais que favoreçam os estudantes indígenas surdos na atualidade?

Portanto, esta pesquisa visa investigar como está posto na atualidade sobre a educação de indígenas surdos tanto no âmbito estadual, se houve mudanças significativas para uma educação de qualidade, de respeito às diferenças tanto culturais como linguísticas, se estes estudantes ainda estão sendo prejudicados com a falta de apoio e suporte técnico educacional e linguístico nas escolas. Se as políticas linguísticas e educacionais têm avançado para benfeitoria deste público aqui nas escolas públicas de Mato Grosso do Sul. Bem como identificar alguns indígenas surdos moradores das aldeias Cachoeirinha, Babaçu, Água Bonita e na cidade de Campo Grande.

Para esta investigação pretende-se embasar esta pesquisa com aporte teórico de estudos relacionados às Línguas Indígenas de Sinais (LIS) e as pesquisas relacionadas à educação do indígena surdo no Brasil e de Mato Grosso do Sul, as legislações vigentes que garantem a educação bilíngue para esses estudantes indígenas surdos, no geral dentro das comunidades indígenas e fora dela. Focando mais o que tem acontecido aqui em nosso estado, Mato Grosso do Sul.

É uma pesquisa de cunho qualitativo, quanto a sua metodologia será utilizada as pesquisas: bibliográfica e a etnográfica, pois como pessoa indígena e tenho familiares ainda residentes nas aldeias, pretendo investigar através de conversas informais entre os parentes ouvintes e surdos conhecidos que estão por lá sobre as condições estudantis na atualidade. As pesquisas bibliográficas serão feitas a partir de busca nas plataformas digitais de pesquisas científicas e repositórios de universidades.

Para tanto, foi elaborado um Termo de Compromisso de Livre Esclarecido (TCLE) para cada participante abordado(a) na pesquisa, com o intuito de assegurar os seus direitos individuais de imagem e de autorização de participação. Sabendo que a maioria são parentes e conhecidos nas aldeias próximas que convivi e convivo. Serão abordados nessa pesquisa os indígenas surdos terena da Aldeia Cachoeirinha, Aldeia Babaçu e na cidade de Campo Grande, área indígena urbana, Aldeia Água Bonita, e alguns alunos surdos não indígenas da cidade urbana, localizado na cidade de Miranda - MS.

### **1.3 Objetivo Geral**

- Investigar que avanços a escolarização de indígenas surdos obteve ou está obtendo, principalmente no âmbito das políticas linguísticas e políticas educacionais no estado de Mato Grosso do Sul, através de uma pesquisa bibliográfica.

### **1.4 Objetivos Específicos**

- Pesquisar as produções científicas que se referem à educação de indígenas surdos e a Língua Indígena de sinais (LIS) em Mato Grosso do Sul;
- Apresentar os avanços das políticas linguísticas e políticas educacionais que a comunidade indígena surda do estado de Mato Grosso do Sul está alcançando;
- Identificar os indígenas surdos que vivem nas aldeias Cachoeirinha, Argola, Babaçu e Água Bonita.

## **2.PESQUISAS SOBRE A LIS E A EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS EM MATO GROSSO DO SUL**

### **2.1 Revisão bibliográfica**

As pesquisas voltadas à educação de indígenas surdos e sobre as línguas indígenas de sinais embora tenha tido um crescimento significativo de uns anos para cá, antes não se falava muito. As questões sobre educação de surdos eram mais focadas na Língua Brasileira de Sinais (Libras), e no biliguismo do surdo onde a primeira língua é a Língua de sinais e a segunda língua o português na modalidade escrita (BRASIL, 2002; 2005).

Contudo, os primeiros ensaios de estudos e pesquisas levantadas sobre as línguas indígenas de sinais no Brasil foram realizadas pela linguista Lucinda Ferreira Brito na década de 80, respaldada pelas pesquisas embrionárias do missionário e linguista Kukamasu (1968) que do qual investigou os sinais entre os indígenas surdos da etnia Ka'apor que atualmente estão localizados na área indígena do Alto Tucuruí no extremo norte do estado do Maranhão (Cardoso, 2023). Kukamasu viveu entre os Ka'apor e inicialmente pesquisava as línguas orais, porém em seu primeiro artigo apontou o encontro de sete surdos e observou que eles sinalizavam entre si e também se comunicavam com os moradores de outras aldeias por meio de sinais (Godoy, 2020).

Em suas viagens nas aldeias foi observando o grande movimento comunicacional entre os Ka'apor através dos sinais e começou a analisar e observar o nível sintático fazendo uma comparação com as línguas orais.

Ferreira (1984) inicialmente adotou o nome, mas, em seguida, designou-a de "Língua dos Sinais Kaapor Brasileira". Ferreira (2010: 258. n.2) justifica que, como os Ka'apor vivem no Brasil, "sua língua deve ser também considerada brasileira, como a língua de sinais usada nos demais estados do país". Como as duas designações me parecem impróprias, chamo-a de língua de sinais ka'apor (Godoy, 2020, p.56)

Como podemos observar as línguas de sinais já eram sinalizadas entre os indígenas surdos por muito tempo, podendo ser consideradas línguas naturais assim como Gesser (2009) coloca. Mas devido a falta de pesquisadores, linguísticas, apoio, incentivo e logística para estudá-las na época foram deixadas em estado de dormência estas línguas indígenas de sinais. No entanto, a linguista Lucinda Ferreira Brito foi a pioneira no Brasil em pesquisas linguísticas da língua de sinais, onde inicialmente em suas pesquisas das línguas de sinais em outros estados, mencionou como Línguas dos sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB) e atualmente sendo conhecida como Língua Brasileira de Sinais (Libras) (Godoy, 2020).

Como o foco neste capítulo foi o levantamento bibliográfico sobre pesquisas de indígenas surdos e as línguas indígenas de sinais (LIS) do estado de Mato Grosso do Sul, do qual foram os nossos descritores, realizamos uma varredura inicial pela internet nas plataformas digitais de busca e nos repositórios de algumas instituições de ensino superior para encontrar as pesquisas, bem como na pesquisa de tese de doutorado de Araújo (2023) onde o autor fez um apanhado geral das produções científicas. Contudo, selecionamos apenas os trabalhos de conclusão de curso (TCC), a monografia, as dissertações de mestrado e as teses de doutorado. Com base nestas buscas, foram encontrados os seguintes trabalhos:

- Em 2009, a dissertação de mestrado intitulada, “Mapeamento das Línguas de Sinais Emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul”, autora Shirley Vilhalva;
- Em 2010, a monografia intitulada, “Língua Portuguesa e a construção de sentido para os Surdos Indígenas usuários da Libras (Língua Brasileira de Sinais)”, autor Magno Almeida;
- Em 2011, a dissertação de mestrado intitulada, “A constituição do sujeito surdo da cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola”, autora Luciana Lopes Coelho;
- Em 2013, a dissertação de mestrado intitulada “A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola”, autora Juliana Maria da Silva Lima;

- Em 2014, o trabalho de conclusão de Curso intitulado, “Indígenas Surdos e a deficiência no SUS: a percepção multiprofissional no atendimento no sistema de saúde no município de Dourados – Mato Grosso do Sul, autor Dyego Ramos Henrique;
- Em 2014, a dissertação de mestrado intitulada, “Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da Libras e de sinais nativos por indígenas surdos”, autora Priscilla Alyne Sumaio;
- Em 2017, a dissertação de mestrado intitulada, “O que é ser índio sendo surdo?”, autora Michelle Souza Mussato;
- Em 2018, a dissertação de mestrado intitulada, “A escolarização de indígenas terena surdos: desafios e contradições na atuação do tradutor intérprete de línguas de sinais – TILS”, autor Bruno Roberto Nantes Araujo;
- Em 2018, temos a tese de doutorado intitulada, “Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos Terena da Terra Indígena Cachoeirinha”, autora Priscilla Alyne Sumaio Soares;
- Em 2019, temos a tese de doutorado intitulada, “A educação escolar de indígenas surdos Guarani e Kaiowá: discursos e práticas de inclusão”, autora Luciana Lopes Coelho;
- Em 2022, temos a tese de doutorado intitulada, “SURDO TERENA: a (in)existência de sujeitos (s)em política(s) linguística(s)”, autora Michele Souza Mussato;
- Em 2023, temos a tese de doutorado intitulada, “A colonização pela Libras da língua de sinais dos indígenas surdos das aldeias Olho D’Água, Barreirinho e Água Azul, da Terra Indígena Buriti, em Mato Grosso do Sul”, autor Bruno Roberto Nantes Araujo;
- Em 2024, temos a tese de doutorado intitulada, “Objetos digitais e multiletramentos para o ensino de línguas na educação de indígenas surdos: desafios e proposições”, autora Shirley Vilhalva.

Vimos que, no espaço de tempo de quinze anos, tivemos treze trabalhos que dialogam com os Estudos Surdos e com os estudos linguísticos e educacionais das línguas de sinais e da Libras, principalmente no que tange as línguas indígenas de sinais (LIS) e os (as) estudantes indígenas surdos em Mato Grosso do Sul. Estas pesquisas tem uma relevância extremamente importante

para/na consolidação das/de atuais e futuras proposições de políticas públicas na educação intercultural e bilíngue dos estudantes indígenas surdos.

Pois, com base nelas podemos fomentar e embasar teoricamente a necessidade do conhecimento e do reconhecimento das línguas indígenas de sinais das nossas etnias indígenas de nosso estado e como dito acima, criar propostas de uma educação de indígenas surdos com melhor qualidade, respeitando suas diferenças linguísticas e assegurando os seus direitos enquanto cidadãos surdos pelos direitos de acessibilidade linguística em sua própria língua de sinal materna. Ampliando as possibilidades construindo novos projetos político pedagógicos.

Nesse sentido, iremos transitar por algumas pesquisas encontradas que se destacam por sua relevância e conversar com alguns autores (as).

Iniciamos com a pesquisa de Shirley Vilhalva, indígena da etnia guarani, professora, surda, mãe, militante na comunidade surda, pesquisadora, escritora e foi a primeira surda ser diretora de uma escola em Mato Grosso do Sul. Em uma de suas pesquisas, a autora aponta que o ministério da educação ainda “não desenvolveu nada específico para o índio surdo, pensando em outra língua usada que não fosse a Libras” (Vilhalva, 2012, p. 79). Foi pioneira em pesquisas sobre indígenas surdos e as línguas indígenas de sinais, realizou viagens pelo interior do estado de Mato Grosso do Sul (MS) e elaborou um mapeamento de quantos indígenas surdos existiam matriculados nas escolas públicas e registrou alguns sinais. Bem como visitou aldeias, conversou com familiares, principalmente nas aldeias Jaguapiru e Bororo no município de Dourados – MS.

Outras pesquisadoras importantes do nosso estado são as professoras Juliana Lima e Luciana Coelho, professoras da Universidade da Grande Dourados (UFGD) propuseram pesquisas entre os indígenas surdos das etnias Guarani e Kaiowá, moradores das aldeias na região de Dourados, sul do estado. Pesquisando sobre a escolarização destes estudantes e as práticas de inclusão, bem como a constituição destes sujeitos vinculados à uma educação diferenciada e especial.

Já Mussato (2017) contribuiu com suas pesquisas entre os indígenas surdos da etnia Terena, investigando as identidades destes indivíduos, como ela mesma aponta no título de um dos seus trabalhos, “Como é ser índio sendo surdo?”. A autora vem trazendo discussões sobre a subjetividades dos indígenas surdos, como eles se enxergam? E o como a comunidade indígena os veem.

A pesquisadora Priscilla Alyne Sumaio (2014), embora não ser nascida em nosso estado, pesquisou as línguas de sinais dos indígenas surdos daqui. Com o tema “Sinalizando com os Terenas: um Estudo do Uso da Libras e dos sinais nativos por indígenas”, em seu estudo se propôs abordar sinais, utilizados na comunidade indígena de Cachoeirinha, próximo ao município de Miranda, onde mora dona Ondina, mãe de três filhos surdos que do qual já comentei na introdução. À medida que o seu trabalho avançava, chegou a conhecer outros surdos, tanto nas aldeias Babaçu, Morrinho e de Argola (uma senhora), bem como outros de Cachoeirinha.

Na aldeia Cachoeirinha, a língua indígena é amplamente falada e é onde se encontram grupos de pessoas surdas cujo tipo de língua a interessou. Sumaio (2014) acrescenta que o estudo de uma língua ou cultura indígena brasileira mostra-se como de extrema importância do contexto como o atual em que a preservação e a valorização de uma língua podem significar a sobrevivência e afirmação cultural de um povo, além de permitir a discussão e o entendimento do funcionamento das línguas em geral, contribuindo com o diálogo com teorias. Para tanto, pode - se afirmar que a língua terena, família Aruak, é falada pelo povo homônimo que habita em várias comunidades indígenas nos estados do Mato Grosso do Sul e São Paulo (Sumaio, 2014).

A autora percebeu que os indígenas surdos nestas aldeias se utilizavam também da comunicação oral em língua portuguesa e de sinais nativos. Embora tenham também a influência da Libras, dentro da comunidade se utilizavam mais nas línguas indígenas de sinais. A autora ainda detectou que os sinais terena também não parecem sofrer de alguma maneira influência da língua oral terena, visto que os surdos terena com os quais trabalhamos nunca passaram por tratamento com fonoaudiólogos específicos com treinamento para oralização nem de português e nem de terena (Sumaio, 2014).

Os sinais terena, eram utilizados pelos surdos terena desde sua infância e a autora coloca que podem ser consideradas língua materna deles. Essas suas constatações gerou atualmente uma série de mudanças e renovações no ensino desses surdos terena nas aldeias, que na prática poderia ser a capacitação de surdos terena e de professores terena ouvintes trabalhem com esses surdos, além de maior capacitação para todos os professores que trabalharem com eles, salas de recursos nas escolas indígenas, materiais pedagógicos adaptados e apropriados para essa situação, dentre outras mudanças necessárias e desejadas pela comunidade. Em suma, a autora também buscou registrar os sinais, entender sua origem e seu uso, e procurou perceber a conexão entre eles. Na sua tese de doutorado, comprovou a existência da Língua Terena de sinais, dos indígenas terena surdos, oriundos da Terra Indígena Cachoeirinha, língua terena.

Pode-se afirmar que as pesquisas feitas pela autora foram extremamente importante, os relatos e experiências obtidas em sua pesquisa dentro da comunidade indígena da Aldeia Cachoeirinha foram relevantes para o seu aprendizado, principalmente para os futuros pesquisadores.

Também do estado de Mato Grosso do Sul, com a mesma importância temos as pesquisas de Araújo (2018, 2023), que na sua dissertação de mestrado pode discutir sobre a formação adequada do tradutor e intérprete de língua de sinais (TILS) no que tange à atuação e atendimento aos estudantes indígenas surdos. Entrevistou três intérpretes de Língua de sinais /Libras (TILSP) que atuam ou atuavam em escolas localizadas na zona urbana e próximo à território indígena.

Observou que os TILS que atendiam indígenas surdos em escolas mais próximas aos territórios indígenas se preocupavam com as especificidades culturais e identitárias dos estudantes e entendiam que precisavam de curso de aperfeiçoamento tanto no aprendizado da LIS quanto na valorização e respeito às diversidades culturais entre estudantes indígenas surdos. E em sua tese de doutorado, o pesquisador fez o mapeamento dos indígenas surdos de três aldeias na Terra Indígena Buriti no município de Dois Irmãos do Buriti em Mato Grosso do Sul, a aldeias: Barreirinho, Olho D'água e Água Azul.

Araújo (2023) em sua tese de doutorado, realizou uma pesquisa etnográfica, investigando entre os caciques das aldeias, familiares e professores como a comunidade enxerga os surdos e se conhecem e identificam os sinais Indígenas. O autor também em sua pesquisa levantou uma provocação sobre a possível colonização das línguas indígenas de sinais pela Libras e como isso acontece/ aconteceu.

As reflexões e discussões realizadas por estas pesquisas e produções científicas colocaram o estado de Mato Grosso do Sul no centro das atenções pelos pesquisadores nacionais de indígenas surdos e as línguas indígenas de sinais (LIS), pois favoreceram muitas mudanças de perspectivas em relação às políticas linguísticas e educacionais dos estudantes indígenas surdos, bem como, por novas e possíveis políticas públicas mais inclusivas e equitativas para estes estudantes. Protagonizando a LIS como língua materna dos indígenas surdos, pontuando as necessidades e os direitos culturais, sociais e linguísticos destes indivíduos.

No próximo subitem apresentarei um pouco da história da família de dona Ondina, e o surgimento dos primeiros ensaios da LIS no território indígena Cachoeirinha no município de Miranda – MS. História está sustentada por minha própria vivência entre eles nas aldeias e também embasada por reportagens do Campo Grande News em 23/02/2023 por Aletheya Alves, no espaço comportamento, intitulado “**Diariamente, ‘mãe grita’ para mostrar que indígenas surdos existem**, de projetos de pesquisa e capacitação até história em quadrinhos, movimento é longo em MS, disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/diariamente-mae-grita-para-mostrar-que-indigenas-surdos-existem> .

Também sendo noticiada no G1/MS e TV Morena, por Cristina Ramos em 23/08/2023, matéria intitulada “**Luta de Mãe por inclusão fez cidade de MS ser a primeira do Brasil a oficializar língua indígena de sinais**”, disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2023/08/23/luta-de-mae-por-inclusao-fez-cidade-de-ms-a-primeira-do-brasil-a-oficializar-lingua-indigena-de-sinais.ghtml>

Notícias que deram o protagonismo para essa mãe indígena da etnia Terena que lutou e luta por respeito, equidade e qualidade no ensino para seus

filhos surdos e conseqüentemente para outros indígenas surdos do estado e do Brasil.

## **2.2 INDIGENAS SURDOS NAS ALDEIAS INDIGENAS DE MIRANDA - MS, E OS AVANÇOS DAS LEGISLAÇÕES E O RECONHECIMENTO DA LIS**

Na cidade de Miranda - MS, com a distância de 13 km das aldeias indígenas, existem três aldeias indígenas que abrigam indígenas surdos e que moram dentro da comunidade. As aldeias indígenas são, Argola, Cachoeirinha e Babaçu, essas aldeias se localizam em território indígena da cidade de Miranda/MS. E na aldeia Água Bonita, em uma comunidade urbana que se localiza na cidade de Campo Grande MS.

Dentro da comunidade indígena, aldeia Cachoeirinha, atualmente, vivem um dos 3 filhos surdos de dona Ondina, (Everton, Tainara e Élcio), são indígenas e moradores da Aldeia Cachoeirinha. Atualmente, Everton é casado com uma indígena, e não tem filhos no presente momento, a esposa de Everton morava na Aldeia Bananal (Distrito de Taunay - Aquidauana - MS) Everton e sua esposa moram com dona Ondina, e Tainara casou-se e tem dois filhos meninos, ela e sua família estão morando na cidade de Campo Grande - MS, juntamente com seu irmão Élcio que também está casado.

A trajetória iniciou-se quando os filhos surdos de Ondina foram para escola dentro da comunidade indígena, assim começou a batalha de incluir seus filhos no sistema educacional. Os professores pediram para Ondina que ela retirasse seus filhos surdos do ambiente escolar. Mas, Ondina não desiste, ela continua batalhando pelos seus filhos, para que eles continuem estudando e realizem seus sonhos futuramente, pois qual é a mãe que não sonha no bem-estar de seus filhos. As dificuldades foram grandes para Ondina, além dos filhos sofrerem preconceitos por serem surdos, também sofrem preconceitos por serem indígenas. Assim, Ondina pede socorro para a sociedade enxergar esses indígenas surdos como pessoas e dar mais valor e oportunidade, principalmente nos estudos deles.

O preconceito por ser indígena não é de hoje, ela vem trazendo suas marcas de preconceito desde o passado, mas nós como indígenas devemos lutar pelos nossos direitos e a igualdade na sociedade, seja como ser surdo ou

ser indígena. Como não há professores intérpretes dentro da comunidade indígena, Ondina relata que teve a oportunidade de matricular seus filhos surdos na escola da cidade de Miranda, pois na escola da cidade tem professores intérpretes que possam ajudar seus filhos surdos, pois a mãe queria ver todos os seus filhos surdos estudando para ter um futuro melhor.

Alguns dos filhos surdos de Ondina, estudaram na mesma escola na qual estudei durante o meu ensino médio, na Escola Estadual Caetano Pinto, localizado na cidade de Miranda MS, 13Km da nossa comunidade indígena. A educação dos indígenas surdos de Mato Grosso do Sul, sempre foram constantes às dificuldades, e principalmente nos tempos da idade média, os surdos eram considerados “incapazes” de aprender, de receber educação formal. Os surdos viviam isolados em suas casas, proibidos de sair e ter uma vida social, ou colocados em internatos para surdos em que tinham suas mãos amarradas e castigadas quando tentavam se comunicar por meio de gestos e outros sinais com outros surdos.

Nos dias de hoje, a família toda de Ondina aprendeu essa língua de sinais indígena do povo terena, assim como a língua falada e escritas, há um grande risco e medo da língua desaparecer, o mesmo com a LIS, a língua precisa ser compartilhada e registrada para que não venham desaparecer, e a mesma coisa com a língua terena, devemos persistir em manter nossa língua, cultura e identidade em constante habitação de existência, e para isso, é preciso que a língua seja ensinada e aplicada.

Se tratando da língua terena, não é diferente com os surdos terena, os preconceitos de alguns não- indígenas, estão invictos consigo, em utilização de palavras ofensivas a todos nós que somos indígenas da etnia terena, a palavra “nojo dos índios”. Infelizmente em pleno século XXI, ainda existem pessoas com esse pensamento e principalmente falam, comentam e menosprezam o ser indígena. Não é de hoje, ela vem trazendo suas marcas de preconceito desde o primórdios, mas nós como indígenas devemos lutar pelos nossos direitos e a igualdade na sociedade, seja como ser surdo ou ser indígena.

Como não há professores intérpretes dentro da comunidade indígena, Ondina relata que teve a oportunidade de matricular seus filhos surdos na escola da cidade de Miranda, pois na escola da cidade tem professores intérpretes que possam ajudar seus filhos surdos, pois a mãe queria ver todos os seus filhos surdos estudando para ter um futuro melhor. Alguns dos filhos surdos de Ondina,

estudaram na mesma escola na qual estudei durante o meu ensino médio, na Escola Estadual Caetano Pinto, localizado na cidade de Miranda - MS, cerca de 13Km da nossa comunidade indígena. A educação dos indígenas surdos de Mato Grosso do Sul, sempre foram constantes as dificuldades, e principalmente nos tempos da idade média, os surdos eram incapazes de aprender, de receber educação formal. Os surdos viviam isolados em suas casas, proibidos de sair e ter uma vida social, ou colocados em internatos para surdos em que tinham suas mãos amarradas e castigadas quando tentavam se comunicar por meio de gestos e outros sinais com outros surdos.

Nos dias de hoje, a família toda aprendeu essa língua indígena de sinais do povo terena, assim como a língua falada e escritas, há um grande risco e medo da língua desaparecer, o mesmo com a LIS, a língua precisa ser compartilhada e registrada para que não venham desaparecer, e a mesma coisa com a língua terena, devemos persistir em manter nossa língua, cultura e identidade em constante habitação de existência, e para isso, é preciso que a língua seja ensinada e aplicada.

A Língua Indígena de Sinais (LIS), pode-se afirmar é a língua natural dos indígenas surdos de cada comunidade. Ou seja, não importa onde esses indígenas surdos estão morando atualmente, seja na área urbana ou rural, dentro ou fora da aldeia, esses indígenas surdos sempre serão indígenas surdos, porque o que importa não é o lugar onde vive, mas sim a sua identidade como indígena surdo. Assim, analisando os autores que se faz menção, sobre o presente tema abordado, e sobre a análise de como os indígenas surdos enfrentam as dificuldades sobre a atualidade, diante da educação, e como a sociedade age diante da inclusão dos indígenas surdos.

Segundo a pesquisa, sobre o tema abordado, "Os Indígenas surdos de Mato Grosso do Sul", cabe ressaltar que, o povo terena, localizado na região de Mato Grosso do Sul, possui uma língua homônima que faz parte da família linguística Aruak. É notório destacar que, o grande motivo dessa pesquisa é analisar e mostrar para a população as vivências nas aldeias com os indígenas terena, dentro da terra indígena da minha aldeia e principalmente de parentes indígenas surdos da cidade urbana da Aldeia Água Bonita, na cidade Campo Grande/MS, e principalmente em outras regiões do estado. O nosso povo terena habita em vários territórios indígenas nos estados do Mato Grosso do Sul. O

estado de Mato Grosso do Sul abriga a segunda maior população indígena do país, com 65.984 pessoas, divididas em diferentes etnias.

Segundo o último censo demográfico (2010) divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a etnia terena é a quinta com maior número de indígenas. A pesquisadora Sumaio (2014), relata em sua tese o levantamento de pesquisa feita na aldeia Cachoeirinha, o tema abordado em sua tese foi “Língua Terena de Sinais: Análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terenas da terra indígena Cachoeirinha”. Em sua pesquisa, a autora aborda informações muito significativas, pelo fato de pais indígenas estarem preocupados com o futuro de seus filhos surdos, na qual, não há membro que possui uma formação linguística, mas que há apenas uma minoria.

A análise de sinais usada pelo surdo terena dentro da comunidade, tem a comunicação feita pelos seus próprios familiares à pessoa que está ao redor, buscando aprender essa língua que era autônoma, agora é oficial. Nessa pesquisa, na região de Miranda, dentro da minha comunidade de Cachoeirinha há 4.900 indígenas que vivem na terra indígena de Cachoeirinha (TI). Ao aprofundar e pela escolha dessa pesquisa, pude refletir e perceber a real situação em que o meu povo terena vem passando ao longos dos anos. Vale frisar, que esse foi o real motivo na qual, escolhi me aprofundar nessa pesquisa em questão, que além das terras e retomadas da nossa área, a nossa população indígena vem lutando sobre a educação de seus filhos, de como a escola e a educação olha pela população indígena, e principalmente sobre os parentes indígenas surdos, de como eles são tratados dentro e fora da escola e pela sociedade atual. Educação dos surdos terena lutando pelo seu espaço dentro da sociedade.

O principal motivo dessa desigualdade entre esses alunos surdos terenas, é porque não há professores e intérpretes capacitados dentro da comunidade indígena, são minorias, e para o entendimento dos próprios professores, que buscam mais inovações, tendem a estudar mais para que possam atuar como tradutores e intérpretes de língua de sinais (TILS).

A Língua Brasileira de Sinais é reconhecida legalmente por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. A partir do conhecimento do uso da comunicação pela Libras no Brasil, os estudantes surdos vêm conquistando espaços nos mais diversos setores da sociedade, sendo mais visualizados pelos

órgãos públicos, que vêm sugerindo mais oportunidades no mercado de trabalho. Essa conquista se deve ao longo período de lutas dos movimentos sociais, tanto dos surdos quanto dos profissionais e familiares e ouvintes (Brasil, 2002). O tradutor intérprete de Libras (TILS) é um dos profissionais que promove a acessibilidade comunicacional do sujeito surdo com os integrantes da sociedade ouvinte, cabendo-lhe traduzir e interpretar em Libras a Língua Portuguesa oral e escrita. Essa atividade se torna mais complexa quando se trata de realizar a tradução e interpretação de estudantes indígenas nas escolas de educação.

Portanto, os pais desses alunos indígenas surdos buscam uma escola que atende os seus filhos surdos, que são a própria escola da cidade mais próxima da aldeia.

Dentro dessa pesquisa, como já foi comentado, é notório destacar que, em primeiro momento, que a autora Sumaio (2014), descreve que os indígenas terenas queriam que seus filhos surdos terena tivessem a total liberdade de estudar em sua própria aldeia, ter condições de professores que possam ensinar os seus filhos, mas infelizmente, isso não tem acontecido até o presente momento, no entanto, os indígenas terenas estão lutando por essa igualdade de terem os alunos surdos dentro do ambiente escolar. Falar a língua terena, para que a língua terena prevaleça de geração em geração dentro do nosso povo.

Para Sumaio (2014, p. 34), como nossa língua materna está deixando de lado para os indígenas mais novos, nós como indígenas estamos lutando para que a nossa língua prevaleça dentro da comunidade e fora dela. Diante dos relatos de Sumaio (2014), pode - se afirmar que a língua de sinais é muito recente. A autora afirma, que essa língua é muito confundida, alguns a confundem o alfabeto da língua de sinais e as suas estruturas da língua. Todavia, as línguas de sinais são línguas, essa língua sempre foi rodeada de preconceitos, os pesquisadores afirmam que as opiniões das comunidades ouvintes sobre a natureza das línguas de sinais geralmente subestimam sua complexidade. Ressaltam também, que combater esses argumentos preconceituosos referindo - se à natureza gestual.

Nesse sentido, Sandler (2009, p. 243) diz que “língua de sinais são línguas que ocorrem espontaneamente em um grupo de pessoas surdas que têm a oportunidade de conhecer e interagir regularmente”. É notório destacar

que a pesquisa embasada por dificuldades por esses alunos surdos, são rodeados de preconceitos pela sociedade de que não são capazes de realizar algo, pensar com os ouvintes. Pode - se afirmar que o Brasil é um país que tem uma língua oral, reconhecida oficialmente da comunidade surdo, que compõe uma das minorias linguísticas no Brasil, e um dos grandes entraves para a comunidade surda e o português, mas tudo isso ainda é muito pouco, pois a comunidade surda e principalmente, nós como indígenas sofremos perseguições e muito preconceitos, e principalmente indígenas surdos.

Dessa maneira, as dificuldades desses alunos indígenas surdos apontam o grande motivo da desistência desses alunos surdos dentro da comunidade, ou seja, os professores da aldeia não tinham condições de dar aula para esses alunos surdos, por não estarem capacitados para trabalhar com essa situação.

Uma esperança por mudanças significativas destas situações, temos por intermédio destas pesquisas, dos movimentos indigenistas, sociais e políticos hoje temos o reconhecimento da língua terena de sinais (LTS). Esforços obtidos por militantes e órgãos da sociedade civil que também se empenharam para essa concretização. Dentre algumas autoridades podemos citar o nome da professora Denise Silva, pesquisadora, coordenadora do IPEDI e CEO da Bruaca, e principalmente a vereadora e assistente social da cidade de Miranda, Elange Ribeiro, que lutaram para o reconhecimento da LIS.

A Lei Municipal nº 1538, de 04 de abril de 2023 na Emenda aditiva à Lei nº 1382 de 12 de abril de 2017 dispõe sobre a cooficialização da Língua Terena. No Município de Miranda – MS passa a ter como línguas co-oficiais: a Língua Terena, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Língua Terena de Sinais (LTS) e a Língua Kinikinau. É a primeira do Brasil a cooficializar uma língua indígena de sinais, segue:

EMENDA ADITIVA À LEI N. 1382 DE 12 DE ABRIL DE 2017, QUE DISPÕE SOBRE A CO-OFFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA TERENA NO MUNICÍPIO DE MIRANDA-MS E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. O Excelentíssimo Prefeito do Município de Miranda/MS, Estado de Mato Grosso do Sul, SR. FABIO SANTOS FLORENÇA, no uso de suas atribuições legais, FAZ SABER que Câmara Municipal aprovou e ela sanciona a seguinte emenda aditiva à Lei n. 1382 de 12 de Abril de 2017: Art. 1º A redação do art.1º e 3º da Lei n.1382 de 12 de Abril de 2017, passam a vigorar com a seguinte redação: Parágrafo Único – “Fica estabelecido que no município de Miranda, estado de Mato Grosso do Sul, passa a ter como línguas co-oficiais: A Língua Terena, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Língua Terena de Sinais (LTS) e a Língua Kinikinau, garantindo a equidade e igualdade enquanto política linguística municipal.”

Art. 2º Em nenhum caso poderá haver discriminação em razão da língua oficial ou co-oficiais que use: Parágrafo único - No caso dos estudantes que apresentem necessidades diferenciadas de comunicação, o acesso aos conteúdos deve ser garantido por meio da utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema Braille e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Terena de Sinais (LTS), sem prejuízo do aprendizado da língua portuguesa e da língua indígena, facultando-lhes e às suas famílias a opção pela abordagem pedagógica que julgarem adequada, ouvidos os profissionais especializados em cada caso voltada à garantia da educação de qualidade sociocultural como um direito dos povos indígenas . Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Miranda-MS, 04 de abril de 2023. FÁBIO SANTOS FLORENÇA Prefeito Municipal (BRASIL, 2023)

A oficialização dessa língua indígena de sinais, repercutiu toda região de Mato Grosso do Sul, não só apenas nas aldeias vizinhas, mas essa busca de oficializar não foi de um dia para outro, a (LTS), foi iniciada pela luta de Ondina há 30 anos atrás, quando a mesma lutou pela inclusão de seus filhos surdos, como já foi abordado.

Os Encontros dos Terena Surdos realizados nas aldeias no Território Indígena Cachoeirinha, idealizado por ela em conjunto com a comunidade indígena, lideranças e órgãos institucionais foram de grande importância política para a construção dessas políticas, linguística e educacional. Como podemos observar na citação da tese de doutorado de Araújo (2023, p. 24):

“I Encontro dos Surdos Terena”, realizado no ano de 2015, na aldeia Cachoeirinha, no município de Miranda-MS. Esse evento foi solicitado por duas lideranças femininas da Aldeia Cachoeirinha, que possui membros surdos na família, a professora Ondina Miguel e sua filha Edmara Miguel.

E nesta citação de Araújo (2023, p. 24)

No ano de 2016, esse movimento ganhou forças com a parceria da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana – UFMS/CPAQ, por meio de um dos seus pilares, que é a extensão. Dessa maneira, propusemos um projeto para realizar o “II Encontro dos Surdos Terena”, com o objetivo de formalizar e potencializar as ações e tratativas do “I Encontro dos Surdos Terena”. Uma carta aberta (um documento) foi elaborada, com o compromisso de fortalecer a educação inclusiva na comunidade terena e regiões circunvizinhas (ARAUJO, 2018).

Foi um marco histórico para a população indígena, e principalmente para a família de Ondina, os sinais que a própria família usava para se comunicar com indígenas surdos da sua família sendo reconhecida e oficializada como Lei

municipal, comprovando cientificamente que essa língua é diferente e independente da Língua Brasileira de Sinais.

Mas a luta continua, com a ajuda de pesquisadores, busca-se agora que a Língua Terena de Sinais precisa ser reconhecida como Língua de instrução para que possa ser usada nas salas de aula da sua própria aldeia, para que assim os alunos indígenas surdos não saiam das suas devidas aldeias para estudar nas escolas da cidade mais próxima. Mas o processo é delicado e está aguardando o Conselho Estadual de Educação.

Cabe ressaltar os resultados da luta de Ondina, em sua própria Aldeia Cachoeirinha, que ocorreu no III Encontro dos Terena Surdos, na qual, reuniu toda comunidade da aldeia, tanto alunos surdos, estudantes de instituição, caciques, professores e pesquisadores.

Para isso, podemos ver como a comunidade surda vem tendo grandes avanços e conquistas, e pelos surdos terenas e para pesquisadores que estão nessa luta. Ressaltando a oficialização da “Língua Indígena de Sinais” em todo Brasil. Pode - se afirmar, que a proclamação da Década Internacional da Língua Indígenas (Internacional Decade Of Indigenous Languages – IDIL 2022- 2032), constituída pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a ciência e a cultura como forma de preservar), o governo do Estado desenvolve o plano Estadual para a Década das Línguas Indígenas de Sinais como forma de preservar a cultura das comunidades que vivem em Mato Grosso do Sul. Na ação da Unesco, os olhos do mundo se voltam ao trabalho iniciado em Miranda, primeira cidade do Brasil a co - oficializar em uma língua indígenas de sinais, a LTS (Língua Terena de Sinais) em decreto publicado no mês de Abril de 2023. Na prática, o município tem como línguas oficiais o português, Libras, terena, terena de sinais.

### **3 A PESQUISA ETNOGRÁFICA**

Portanto, antes de iniciar uma pesquisa e coletas de dados em devidas comunidades ou de um grupo de povo, é necessário frisar o que é a Etnografia. Para isso, se faz eficaz que a Etnografia estuda as diversas etnias ou pesquisar um determinado povo. Tanto que, ressalto que a Etnografia e o método utilizados pela antropologia, visando o trabalho de campo e coletando dados. Ao coletar

dados na comunidade indígena da Aldeia Argola e Aldeia Água Bonita, o quanto é crucial pesquisar e aprofundar as dificuldades dos indígenas surdos enfrentam dia a dia na sociedade atual.

Em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. Isso é entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que esta não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 2008, p.11)

Ressaltando a fala do autor em relação em suas perspectivas, a etnografia propõe-se então ser um olhar denso, um olhar atento sobre as pesquisas a campo, e frisando que é essencial que o pesquisador saiba o que descreve e o que pesquisa em relação as pesquisas e coletas de dados. Assim, busca a entender o que se passa na vida social e cotidiana dos participantes.

A pesquisa etnográfica para os emergentes é cada vez mais presentes no cotidiano atual. Pode - se afirmar, que esses espaços de convivência com esses grupos ou comunidades, são trocadas ideias, entrevistas, conhecimentos, o dia a dia e compartilhando as dificuldades desses determinados grupos. Assim as pesquisas etnográficas realizadas por mim, foram realizadas na minha própria comunidade indígena da Aldeia Argola, localizado no município de Miranda/MS, e na comunidade indígena Aldeia Água Bonita, uma aldeia urbana em Campo Grande/MS. Foram realizadas visitas e conversas informais com os meus parentes.

### **3.1 As Vivências e Experiência com Alunos Surdos Dentro do Ambiente Escolar**

Na aldeia Babaçu, localizada no município de Miranda/MS, há uma jovem por nome Jucilene, moradora da aldeia e indígena terena, surda desde que nasceu, única filha surda de seus pais. Como a maioria de sua família não falava

LIBRAS, seus pais optaram para que ela estudasse na escola da cidade para aprender Libras na Escola Estadual Caetano Pinto. Acompanhei sua trajetória como colega de classe. No ano de 2018, estudei com a Jucilene na sala do 2º ano do ensino médio. Como na aldeia não há professores intérpretes para que pudessem dar aula para eles, os pais dos alunos surdos, não tiveram alternativa, a não ser optar por estudarem no ensino escolar na cidade. Por esse motivo, estudei com a colega surda, Jucilene na Escola Estadual Caetano Pinto, uma escola com qualidade de ensino, têm vários intérpretes profissionais. Pode-se afirmar, que como não há intérpretes dentro da comunidade, os alunos surdos optam pela escola não- indígena, a escola localizada na cidade e, é totalmente diferente. No entanto, nessa escola não- indígena não se ensina a língua materna, que é a língua terena, apenas na escola da aldeia.

As convivências com os alunos surdos, se tratando da colega surda, foram de grande aprendizado para todos nós. Jucilene, aluna indígena surda, sempre foi uma menina sorridente, alegre e espontânea, me lembro até hoje o dia em que ela dirigiu a palavra para mim, como não tinha noção de conversar com ela, e não sabia a libras, fiquei quieta, não respondi.

Mas, para minha surpresa, ela pegou uma caneta e um papel, e começou escrever o que ela queria dizer para mim, fiquei impressionada, desde esse dia, no ano de 2018 começou uma grande amizade. Eu conversava e me comunicava com Jucilene nas escritas que mandava uma para outra. Jucilene, teve uma excelente intérprete, que também a ajudava nas interpretações e traduzia o que Jucilene dizia para mim e para outros colegas. O nome da professora intérprete é Karla Tortoza Gonçalves, foi uma das melhores professoras que todos nós tivemos.

Os meses foram passando, mais um aluno surdo foi matriculado na mesma sala do 2º ano, em que nós estudávamos. O seu nome era Cleiton, ele se enturmou muito rápido com os alunos, um surdo divertido e carismático. Como ninguém da sala sabia o básico de libras para se comunicar com eles, Cleiton e Jucilene se comunicavam comigo e com os alunos da sala escrevendo no papel, às vezes, quando estava em sala de aula com a ajuda da professora intérprete. Ao passar dos meses, pude perceber o quanto esses dois alunos surdos eram inteligentes, tiravam notas boas em todas as matérias.

Nesse momento, percebi o quanto é crucial a inclusão desses alunos surdos, nunca os alunos da sala excluíam esses alunos surdos, pelo contrário

queríamos colocá-los por dentro de tudo no ambiente escolar, seja nas atividades da escola, seminário etc. Foi nesse momento de vivência com os meus colegas surdos, assim, pude refletir que é necessário aprender a língua brasileira de sinais (Libras), pesquisava na internet ou youtube, os cumprimentos e saudações para poder me comunicar com eles no dia a dia. E foi assim também que tive o meu sinal na língua brasileira de sinais, meu sinal é o inicial do meu nome, e contendo os meus cabelos pretos e longos.

Chegando na metade do ano de 2018, a professora intérprete, notou o quando que os alunos necessitavam de uma aula básica de libras, assim para se comunicar também com os nossos colegas surdos Cleiton e Jucilene. Juntamente com a aprovação da direção e coordenação da escola, esse projeto foi realizado.

Esse projeto de cursos básicos de libras, nasceu da professora intérprete, ela mesma ministrava as aulas, todas às quartas-feiras e quintas-feiras na parte da tarde, na mesma escola em que estudávamos, na Escola Estadual Caetano Pinto. Eram apenas 2 horas de aula e 3 meses de duração. Assim, juntamente com os meus colegas, iniciamos esse curso básico de libras, aprendemos a saudar e nos comunicar com os surdos, participei da metade das aulas, mas, infelizmente, como morava na aldeia naquela época, não consegui concluir o curso. Assim, ao aprender um pouco das libras sempre estive presente com os colegas surdos, No entanto, no final do ano, mudei de escola, voltei para escola da minha aldeia, Escola Estadual Indígena Cacique Timóteo (EEICT), para terminar o terceiro ano, na escola indígena, e assim, cada um seguiu o seu rumo até concluir o ensino médio. E, foi assim que iniciou a paixão e a necessidade de aprender a Língua Brasileira de Sinais. Como estou seguindo esse caminho de ser professora, é necessário que, eu e outros professores que atuam na área aprendam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) para assim, garantir uma educação inclusiva e acessível para todos os alunos surdos.

### **3.2 Indígena surdo da Terra Indígena na Aldeia Argola**

Minha primeira pesquisa e experiência foi na minha própria comunidade indígena, da Aldeia Argola, com mais de 100 mil habitantes indígenas terenas que habitam nessa aldeia. A pesquisa ocorreu no ano de 2024, do mês de

novembro, que se fez buscar e coletar informações sobre a referente pesquisa de campo, para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Tive em me aprofundar sobre o meu povo, as nossas tradições como indígenas, as culturas, as nossas línguas maternas, e principalmente os meus parentes indígenas surdos, que descrevo todas as dificuldades vivenciadas por eles, em se manter em escolas e principalmente a falta de intérpretes na minha aldeia Argola.

Destacando a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 que reconhece a Libras como língua oficial do nosso país e do decreto 5.626 de 2005, os quais colocam em pauta a comunidade surda e seus direitos.

Dessa maneira, iniciei a pesquisa de trabalho sobre indígena surdo na comunidade indígena da aldeia Argola, onde mora a dona Solange Balbino Barbosa e o seu esposo Djair Barbosa que são indígenas, e moram na aldeia Argola. Esse casal indígena, tem o seu filho, Djamilson, um jovem de 18 anos, que é surdo.

Em meios às pesquisas feitas sobre esse indígena surdo, afirmo que Djamilson, indígena surdo, é surdo desde que nasceu, dona Solange afirma que descobriu que seu filho era surdo aos 3 anos de idade, foi um momento difícil de aceitação, a mãe ficou preocupada e insegura em relação ao futuro de seu filho.

Santana (2007) afirma que, o diagnóstico da surdez traz, junto com ele, os pré-construídos culturais em relação ao “ser surdo”: impossibilidade de falar, de aprender, falta de inteligência, insucesso na escola, incapacidade de conseguir um bom emprego etc. Quando uma família ouvinte descobre que o filho é surdo tem de fazer escolhas: se realizará a cirurgia de implantes coclear, se aprenderá a língua de sinais, se comprará um aparelho auditivo, se submeterá o filho à terapia fonoaudiológica, se irá colocá-lo em uma escola regular ou especial.

Dona Solange afirma que, ao descobrir que seu filho é surdo, logo frequentou a (APAE) Associação de Pais e Amigos Excepcionais, da cidade de Miranda/MS, a 13 km da aldeia Argola. A própria mãe disse que percebeu uma das grandes melhorias com seu filho, dentro da APAE, Djamilson se sentiu incluído diante das pessoas dentro do ambiente. O indígena surdo tem 2 irmãos e 1 irmã, apenas Djamilson nasceu surdo. Dona Solange relata que todos os membros da família e irmãos sabem a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para se comunicar com Djamilson, mas a mãe sabe pouca coisa sobre a libras, os pais sabem apenas o básico, afirma a mãe.

Assim que completou 8 anos de idade, Djamilson frequentou a Escola Estadual Caetano Pinto (EECP), localizado na cidade de Miranda/MS. A escola EECP, citada nesta pesquisa, afirma que a escola têm professores intérpretes, assim ajudando os surdos a se incluírem na educação básica, para que assim, esses surdos indígenas terminem os estudos. Por isso, dona Solange afirma que, seu filho é mais 3 surdos da região da aldeia, Babaçu, Argola e Aldeia Cachoeirinha, tiveram um carro que a prefeitura de Miranda ajudava esses surdos indígenas da aldeia, levando-os para poder estudar na escola EECP na cidade de Miranda/MS.

Assim, Djamilson aprendeu muitas coisas nos estudos, sua mãe diz, que suas notas foram ótimas, que seu filho sempre foi inteligente, Djamilson teve sua professora intérprete chamada Karine, uma excelente profissional, a qual ajudou Djamilson nos estudos. Mas sua mãe diz, que as dificuldades só estavam começando, como Djamilson recebia um benefício, pelo fato de ser surdo, seu benefício foi cortado, assim começa as dificuldades na família de dona Solange que enfrentou com seus 4 filhos para sustentar, teve que agir para seus filhos não passassem fome. Então, Solange teve que tomar uma providência de tirar seu filho surdo da escola, para que, ela e seu esposo trabalhassem para sustentar seus filhos, diante disso, Djamilson ficou durante 2 anos na Escola Estadual Caetano Pinto.

A família de dona Solange, saiu da aldeia, e foi para capital, a cidade de Campo Grande - MS, uma cidade muito mais populosa é muito mais maior que a cidade de Miranda, a família foi em busca de melhorias para sua família, como Solange tem parentes na cidade de Campo Grande, isso facilitou para a família na moradia e para cuidar seus filhos, todos os 3 filhos de Solange continuou os estudos na cidade de Campo Grande, apenas o seu filho surdo não continuou os estudos. Solange afirmava que ele ficava apenas em casa, ou seja, Djamilson ficou, na faixa etária dos 10 anos, a mãe diz que ele ficava isolado, e isso doía muito ao ver o seu filho naquela situação, ela teria medo de colocá-lo na escola da cidade de Campo Grande, pelo fato de como a escola era um pouco longe de sua casa, a mãe de Djamilson, afirma que teria medo do filho se perder ao voltar para casa, pois teria que ir e voltar de ônibus circular na cidade de Campo Grande. Ou seja, o indígena surdo, Djamilson, ficou 6 anos sem ter o contato com a escola, e assim dificultando o aprendizado do aluno surdo.

Imagem 1: A residência de dona Solange e seu filho Indígena surdo.



Fonte: própria autora.

Imagem 2: Djamilson, atualmente tem 18 anos, indígena surdo da Aldeia Argola,



Fonte: própria autora.

No próximo capítulo, iremos discorrer sobre as dificuldades encontradas ainda na educação indígena em relação ao atendimento educacional especializado para os estudantes surdos.

### **3.3 As dificuldades enfrentadas do indígena surdo dentro do ambiente escolar**

Ao estabilizar a situação financeira da família de dona Solange, eles voltaram para aldeia, assim todos os filhos de Solange voltaram a frequentaram a escola da aldeia novamente, e principalmente o seu filho surdo, por estar atrasado nos anos escolares, pela idade, isso dificulta muito, pois pela idade Djamilson deveria ter concluído os estudos. Portanto, a mãe visava colocá-lo na Escola Estadual Caetano Pinto (EECP), em Miranda novamente, mas não aceitavam o aluno surdo a se matricular, pois pela idade ele já deveria ter concluído os estudos. Assim, Solange ficou muito abalada pela situação enfrentada, ao mesmo tempo se culpando por não ter deixado seu filho estudar, mas o medo e cuidado pelo filho, ou seja, o carinho e o sentimento da mãe prevaleceu.

Assim, Djamilson começou a frequentar a escola em sua própria aldeia, na Aldeia Argola, tendo apenas um professor indígena intérprete, chamado Agnaldo, professor formado na área, filho de Ondina. O professor Agnaldo tem uma grande experiência com os surdos, pois tem os irmãos surdos que são indígenas, ou seja, Solange viu que seu filho estava em boas mãos, pois o professor intérprete já teria uma grande experiência.

Ressaltando a fala da mãe do aluno surdo, diz que o seu filho adorava seu professor intérprete, ele foi um excelente professor, afirma a mãe de Djamilson.

Ao pesquisar sobre a Língua Indígena de Sinais (LIS), Solange relata que, a família toda de Djamilson não teve nenhum sinal caseiro, para se comunicar com seu filho surdo, a mãe afirma que eles sempre utilizam a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para manter o contato com o seu filho surdo. Em meio às dificuldades dos pais de Djamilson de manter em contato com o filho, eles entendem um pouco a Libras. Por seguinte, o professor intérprete indígena, sempre manteve o contato com a família de Djamilson, dentro e fora da escola. Solange, comenta que na pandemia do Covid-19, trouxe grandes desafios para a educação e no aprendizado do seu filho surdo, tendo dificuldades de participar das aulas online síncronas. Assim, na pandemia, o professor intérprete indígena, dava as aulas para seu aluno surdo todos os dias na casa de Solange, para que

os estudos e as disciplinas do aluno não ficasse prejudicado, a mãe relata que o professor ia dar as aulas para seu filho, faça chuva, sol e frio, ele sempre foi dedicado a ensinar o filho surdo.

Percebendo a interação de seu filho com os estudos, os pais de Djamilson, começaram a querer aprender mais a libras, e o professor intérprete indígena, além de ensinar o aluno surdo, ele também ensinou os pais a aprender um pouco mais da Língua Brasileira de Sinais.

Em meios as coletas de pesquisas a língua indígenas de sinais (LIS), Solange afirma que, toda a família ficou sabendo que existia uma língua indígena de sinais, feitos pelos próprios surdos indígenas, e que se expandiu, e foi aprovada a lei, graças aos filhos de Ondina e por pesquisadores que abordaram sobre o assunto da língua indígena de sinais. Sobre o professor intérprete, por ser filho de Ondina, já teria uma ligação para que seu filho pudesse aprender essa língua.

Solange relata que, Ondina, disse que irá até a sua casa para ensinar o seu filho surdo a se comunicar em língua indígena de sinais com a família. E toda a família espera ansiosamente por aprender mais com a família de Ondina, e isso já está em andamento.

### **3.4 Indígena surda da aldeia urbana (Aldeia Água Bonita)**

A segunda pesquisa de campo, foi uma das melhores experiências que já obtive, a pesquisa se originou em uma comunidade indígena urbana na Aldeia Água Bonita, localizado na cidade de Campo Grande - MS, onde vive mais de 1000 mil habitantes da etnia Terena, na qual, a pesquisa foi feita no mês de novembro do ano de 2024, na aldeia Água Bonita. Ao me mudar para a cidade de Campo Grande - MS, no momento, estou morando em uma comunidade aldeia Água Bonita, portanto, em questões de religião, tive o privilégio de conhecer e conviver com uma jovem surda indígena terena, chamada Regiane Pires, da igreja na qual eu frequento atualmente. Ou seja, relato que ela é uma amiga excepcional, apesar de ser surda, Regiane faz questão de frequentar uma Igreja Evangélica, mesmo sendo surda, ela consegue interpretar pouca coisa, vendo-a expressão facial e a leitura labial. Então, mais uma vez, tenho a total

certeza, de descrever cada vivência nesse relatório dos meus irmãos, parentes e indígenas surdos.

A autora Sumaio (2018, p. 71) em sua tese descreve “Elcio e Regiane não participaram da pesquisa por terem se mudado para cidade de Campo Grande MS. Assim, a autora descreve que ao pesquisar, os indígenas surdos que localizam na cidade de Miranda - MS, pesquisou sobre a Língua Indígena Terena de Sinais, e a autora teve o contato com esses surdos que se localizam na Aldeia Cachoeirinha, Aldeia Argola, Aldeia Babaçu etc. Mas apenas Regiane e Elcio não participaram das pesquisas, então, em minhas pesquisas também com esses indígenas surdos, encontrei Regiane na cidade de Campo Grande, na qual, a indígena surda que morava na aldeia Babaçu, lhe trouxe até uma aldeia urbana Água Bonita, na qual, eu moro atualmente.

Portanto, eu retomo essa pesquisa feita anos atrás por pesquisadores, durante a pesquisa, visitei a casa de dona Clailza Pires Xavier, da etnia terena, mãe da indígena surda Regiane Pires. A dona Clailza é mãe solteira, tem 3 filhas, uma delas é Regiane, Clailza, e as filhas moram na aldeia Babaçu, localizada na cidade de Miranda/MS, há 13 Km da cidade. A mãe de Regiane afirma que ela não nasceu surda, quando completou 9 meses, Regiane sofreu um acidente doméstico que causou a surdez quando era apenas uma criança, como a fase de uma criança é testar todos os tipos de objetos por curiosidade, isso aconteceu com Regiane, a mãe relata que quando era apenas um bebê de 9 meses, ela colocou um palito de fósforo em seu ouvido direito, assim, causando a surdez desde infância.

A vida de Clailza com as filhas não foi fácil, a família lutava para dar o melhor para Regiane. Ressaltando a fala da mãe, Regiane começou a frequentar a escola com 7 anos de idade, a escola em qual ela frequentou foi a Escola Estadual Caetano Pinto (EECP), uma escola que tem professores intérpretes capacitados para dar aula para os indígenas surdos, tendo uma intérprete tudo ficou mais fácil para Regiane se adaptar em uma nova realidade de sua vida. A mãe da indígena surda, relata que a filha estudou até o 7º ano do Ensino Fundamental na escola EECP, e por motivos de falta de condições de sustentar toda sua família, Clailza teve que tomar uma grande decisão que mudaria toda vida de suas filhas, inclusive de Regiane, a mãe, juntamente com as filhas se mudaram para cidade de Campo Grande/MS, em busca de trabalho para sustentar as três filhas, todas as filhas continuaram os estudos, e Clailza decidiu

colocar Regiane na mesma escola que suas irmãs, pois a escola Estadual Lino Villacha, teria professores intérpretes, é isso facilitou muito a vida da família. Regiane, ela estudou no período da manhã, continuou os estudos no 8º ano do ensino fundamental.

Toda Família decidiu morar em uma comunidade urbana indígena da aldeia Água Bonita, na qual, mora até o presente momento, o convívio com a família e com as irmãs de Regiane sempre foi tranquilo e harmonioso, toda família sabem a Língua Brasileira de Sinais (Libras), apenas a mãe e uma das filhas queriam se aprofundar em aprender realmente a libras. Clailza, afirma que participou de vários cursos para aprender a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), uma delas foi no Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação do Estado de Mato Grosso do Sul (CEADA) na cidade de Campo Grande/MS, a mãe e filha mais velha, relata que não conseguiu finalizar o curso, por falta de dificuldade e tempo, pois o trabalho de ambas as partes foram puxados, e não dava tempo de se dedicar, elas afirmam que participaram até o 2º módulo, no Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação do Estado de Mato Grosso do Sul (CEADA).

Imagem 3: Eu, dona Clailza juntamente com sua filha surda Regiane, na igreja Evangélica Indígena Renovada da Aldeia Água Bonita - Campo Grande.



Fonte: própria autora.

Imagem 4: O sinal de Regiane.



Fonte: própria autora.

#### **4 A LÍNGUA INDÍGENAS DE SINAIS (LIS) E A EDUCAÇÃO ESCOLAR**

Ao me aprofundar sobre a pesquisa (LIS), na família de Regiane, a mãe, relata que em meios as tecnologias avançadas, viu sobre a reportagem sobre “A Oficialização da Língua Indígena Terena de Sinais na Cidade de Miranda”, a mãe, relata que essa oficialização é um marco para toda comunidade surda indígena, é principalmente no município da cidade em qual todos moravam e ficou contente por ser reconhecida pela sociedade atual.

A mãe de Regiane, diz que toda a família não usava nenhum sinal caseiro (LIS), para manter o contato com a filha surda, ou seja, a mãe e as irmãs, apenas dominam a língua brasileira de sinais (Libras), mas ao me aprofundar ainda mais em minhas pesquisas, descobri que apenas o Avô teria ensinado um sinal caseiro feito por eles, do avô para neta, como os indígenas mais velho da aldeia não dominam muito bem a língua portuguesa, não seria diferente com a libras,

a dificuldade seria maior para os anciãos que não tem esse conhecimento, apenas dominam e entendem a língua terena.

Ocasionalmente, essas crianças desenvolvem sistemas de sinais emergentes no contexto familiar, comparáveis a sistemas de comunicação simples. Entretanto, assim que essas crianças que desenvolvem esse sinal emergentes no contexto familiar, são colocadas juntas, em uma escola, por exemplo, a língua de sinais sinalizadas entre os estudantes podem se consolidar. Como já dito, há anos eles têm contato uns com outros (senão com todos, com alguns pelo menos), então puderam desenvolver a língua com pleno entendimento entre eles (Sumaio, 2018, p. 188-189).

A mãe de Regiane, afirma que o próprio avô inventava um sinal emergente no contexto familiar é apenas ele e a neta sabia, e se comunicava por esse sinal dentro da aldeia, quando Regiane ainda era uma criança, mas o avô de Regiane faleceu devido a idade avançada, levou consigo todo esse conhecimento, que não foram aprofundados esses sinais caseiros feitos por eles. A mãe de Regiane e as irmãs, relatam que não tiveram oportunidade de aprender com o seu avô esses sinais feitos por eles.

Se tratando dos estudos de Regiane, ela conseguiu continuar os estudos na escola Lino Villachá, mas após a formatura do 9º ano do ensino fundamental, no ano seguinte foi para o 1º ano do ensino médio, a própria mãe relata que foram os momentos mais difíceis na escolaridade de Regiane, pois os colegas faziam piadas por ser surda e ainda mais por ser indígena, fazendo com que Regiane desistisse dos estudos, mesmo tendo uma intérprete competente para ajudá-la, ela acabou desistindo de vez dos estudos, a mãe e toda família fizeram de tudo para poder fazer ela mudar de ideia, para que ela pudesse terminar o ensino médio, mas ela não quis continuar, afirma a mãe.

Os anos foram se passando, atualmente Regiane está com 26 anos, nesse período, ela não quis mais sair, ficou apenas em casa, assim causando uma depressão e assim a família ficou muito preocupada com essa situação que ela se encontrava, pelo motivo de se sentir sozinha em casa, devido a mãe trabalhar e voltar tarde para casa, em busca de sustento para a família.

Com o passar do tempo, tudo mudou, Regiane cresceu e suas irmãs também, Regiane teve 4 sobrinhas, a mãe de Regiane relata que Regiane, foi a babá dessas crianças, assim fazendo companhia a ela durante o dia, apesar de ser surda, isso não dificultou, pois as sobrinhas também cuidava de Regiane,

afirma a mãe, ao me aprofundar mais sobre a pesquisa, ressalto que Regiane com 26 anos e suas sobrinhas com 5 e 6 anos de idade, já estão começando aprender a Língua Brasileira de Sinais, que a própria Regiane ensina a suas sobrinhas, pois o convívio com elas são constantes durante o dia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos resultados encontrados nesta pesquisa sobre os indígenas surdos do estado de Mato Grosso do Sul, concluímos que as coletas de pesquisas feita na aldeia Argola Miranda - MS, e Aldeia urbana Água Bonita, em Campo Grande - MS, ao se aprofundar sobre a escolarização desses indígenas surdos, e as dificuldades vivenciadas constantemente são de extrema preocupação para mim enquanto futura professora e principalmente para a família desses alunos, pois a única coisa que essas famílias desejam para seus filhos surdos, é que eles concluam o ensino escolar da educação básica, pois esses surdos lutam para seguir em frente, mas infelizmente, o preconceito e a falta de intérpretes de língua de sinais ainda é uma das grandes dificuldades enfrentadas pela comunidade surda indígena.

É notório destacar que, sobre a Língua Indígena Terena de Sinais (LIS), as pesquisas feitas nessas duas famílias, é que essas devidas famílias de Regiane e Djamilson, não contém nenhum sinal caseiro, exceto o avô de Regiane, que levou consigo todo aprendizado desse sinal feito por ele, para manter o contato com a neta Regiane. Dessem modo, esses dois surdos sinalizam por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), os pais e familiares desses dois surdos, não entendem tudo sobre a Libras, dificultando o contanto constante com eles. Essas mesmas famílias de surdos almejam e querem aprender a Língua indígena Terena de Sinais, pois afirmam que essa língua e um marco para a população indígena e para comunidade surda.

Como essa Língua foi Cooficializada pela Lei nº 1538, no ano de 2023, se faz eficaz que essa lei foi criada por indígena terena da minha própria aldeia, pela família da professora indígena terena, dona Ondina, criada por seus filhos surdos, mostrando que nós indígenas podemos sim, ir além. Assim como a Língua Terena é ensinada em todas as escolas indígenas, como disciplina, todos os alunos indígenas aprendem desde sua infância na escola aprende a língua

terena, assim não seria diferente com a língua terena de sinais. Apesar de ser recente a cooficialização, é de suma importância afirmar que essa língua ainda está em processo para que o Conselho Estadual de Educação reconheça essa língua como instrução para que essa língua possa ser usada em sala de aula nas aldeias, assim como a língua terena é oficializada nas escolas indígenas, deve ser pela comunidade indígena surda.

Assim, como essa Língua foi cooficializada na cidade de Miranda - MS, a Língua Indígena Terena de Sinais, serve como referência e exemplo para várias comunidades indígenas e para indígenas surdos, para que, em outras cidades e aldeias também sejam cooficializadas.

## Referências bibliográficas

ALVES, Aletheya. **Diariamente, ‘mãe grita’ para mostrar que indígenas surdos existem**, Campo Grande News em 23/02/2023. disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/diariamente-mae-grita-para-mostrar-que-indigenas-surdos-existem> Acesso: 07 de dezembro de 2024.

ARAUJO, Bruno Roberto Nantes. **A escolarização de indígenas terena surdos**: desafios e contradições na atuação do tradutor intérprete de línguas de sinais – TILS. 2018. 147 f. 143 Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

Araujo, Bruno Roberto Nantes. **A colonização pela Libras da língua de sinais dos indígenas surdos das aldeias Olho D'Água, Barreirinho e Água Azul, da Terra Indígena Buriti, em Mato Grosso do Sul**. 2023. 196 f. Tese (Doutorado) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, 2023.

STROBEL, karin Lilian; FERNANDES Sueli Fernandes. **Aspectos Linguísticos da Libras**. Secretaria do Estado de Educação, superintendência de Educação, Departamento de Educação Especial – SEED/SUED/DEE, Curitiba, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

GODOY, Gustavo. **Os Ka'apor, os gestos e os sinais**. 2020. 386 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

COELHO, Luciana Lopes. **A educação escolar de indígenas surdos Guarani e Kaiowá: discursos e práticas de inclusão.** 2019. 155 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma Gramática da Língua de Sinais.** Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro:UFRJ, Departamento De Linguística e Filologia, 1995  
Maino'i rapé — O Caminho da sabedoria/ coord. Editorial: Lucila Silva Telles. — Rio de Janeiro: IPHAN, CNFPC: UERJ, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas** Indígenas. Brasília: MEC, 1998.

MUSSATO, Michelle Sousa. **O que é ser índio sendo surdo?** Um olhar transdisciplinar. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2017.

VILHALVA, Shirley. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul.** Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, SC, 2009.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010: Características Gerais dos Indígenas. Disponível em:  
[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_dos\\_Indigenas/pdf/Publicacao\\_completa.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/Publicacao_completa.pdf). Acesso em: 01/10/2013.

FELIPE, T. **As Políticas públicas para inserção da LIBRAS na educação de surdos.** In. Revista Espaço. Informativo Técnico Científico do INES. Nº 25/26, JAN-DEZ./ 2006, P.33-47.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GESSER, Audrei. **Libras?** Que língua é essa? : Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KAKUMASU, J. Y. Urubu-Kaapor Sign Language. In: Summer Institute of Linguistics, 2005. Disponível em:  
<http://www.sil.org/americas/brasil/LANGPAGE/PORTUKPG.HTM>. Acesso em: 15 mai. 2013.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. **Língua de Sinais Brasileira.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, Cristina. **Luta de mãe por inclusão fez cidade de MS ser a primeira do Brasil a oficializar língua indígena de sinais.** G1 – MS e TV Morena, 23 de agosto de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2023/08/23/luta-de-mae-por-inclusao-fez-cidade-de-ms-a-primeira-do-brasil-a-oficializar-lingua-indigena-de-sinais.ghtml> Acesso: 07 de dezembro de 2024.

SKLIAR, Carlos. **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

VILHALVA, Shirley. **Índios surdos:** mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul. Petrópolis RJ: Arara Azul, 2012.

VILHALVA, Shirley. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes:** um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. 2009. Dissertação (Mestrado – Centro de Comunicação e Expressão) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, SC, 2009.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha.** 2018. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2018.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos.** 2014. 123 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/115690>. Acesso em: 27 jan. 2023.

**Anexos:**



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do projeto:** OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS NO MATO GROSSO DO SUL.

**Pesquisador responsável:** Yasmin da Silva Candelario

**Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus de Aquidauana. Telefone para contato: (67) 9981926873

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS NO MATO GROSSO DO SUL. De responsabilidade da pesquisadora: Yasmin da Silva Candelario, RGA 2020.0413.018-8, desenvolvido no âmbito do Curso de Letras/ Espanhol, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana. O objetivo da pesquisa é identificar como é a educação escolar dos alunos surdos dentro da comunidade indígena. Serão utilizados formulários com perguntas, sendo respondidas com o auxílio da pesquisadora. Posteriormente à coleta de dados, serão organizados e analisados. Os resultados da pesquisa serão divulgados através de apresentação de Trabalho de Conclusão do Curso TCC.

Eu, Regiane Pires da Silva  
RG 2.458.395 declaro ter sido informado e concordo em  
participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.  
Aquidauana (MS), 25 de Novembro de 2024.



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do projeto:** OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS NO MATO GROSSO DO SUL

**Pesquisador responsável:** Yasmin da Silva Candelario

**Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus de Aquidauana. Telefone para contato: (67) 9981926873

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS NO MATO GROSSO DO SUL. De responsabilidade da pesquisadora: Yasmin da Silva Candelario, RGA 2020.0413.018-8, desenvolvido no âmbito do Curso de Letras/ Espanhol, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana. O objetivo da pesquisa é identificar como é a educação escolar dos alunos surdos dentro da comunidade indígena. Serão utilizados formulários com perguntas, sendo respondidas com o auxílio da pesquisadora. Posteriormente à coleta de dados, serão organizados e analisados. Os resultados da pesquisa serão divulgados através de apresentação de Trabalho de Conclusão do Curso TCC.

Eu, Cláudia Lires Xavier

RG 001478056 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Aquidauana (MS), 25 de Novembro de 2024.



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do projeto:** OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS NO MATO GROSSO DO SUL

**Pesquisador responsável:** Yasmin da Silva Candelario

**Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus de Aquidauana. Telefone para contato: (67) 9981926873

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS NO MATO GROSSO DO SUL. De responsabilidade da pesquisadora: Yasmin da Silva Candelario, RGA 2020.0413.018-8, desenvolvido no âmbito do Curso de Letras/ Espanhol, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana. O objetivo da pesquisa é identificar como é a educação escolar dos alunos surdos dentro da comunidade indígena. Serão utilizados formulários com perguntas, sendo respondidas com o auxílio da pesquisadora. Posteriormente à coleta de dados, serão organizados e analisados. Os resultados da pesquisa serão divulgados através de apresentação de Trabalho de Conclusão do Curso TCC.

Eu, DJAMILSON BALBINO BARBOSA

RG 9.813.401 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Aquidauana (MS), 25 de Novembro de 2024.



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do projeto:** OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS NO MATO GROSSO DO SUL

**Pesquisador responsável:** Yasmin da Silva Candelario

**Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus de Aquidauana. Telefone para contato: (67) 9981926873

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa OS AVANÇOS DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS NO MATO GROSSO DO SUL. De responsabilidade da pesquisadora: Yasmin da Silva Candelario, RGA 2020.0413.018-8, desenvolvido no âmbito do Curso de Letras/ Espanhol, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana. O objetivo da pesquisa é identificar como é a educação escolar dos alunos surdos dentro da comunidade indígena. Serão utilizados formulários com perguntas, sendo respondidas com o auxílio da pesquisadora. Posteriormente à coleta de dados, serão organizados e analisados. Os resultados da pesquisa serão divulgados através de apresentação de Trabalho de Conclusão do Curso TCC.

Eu, Solange Balbino

RG 2.334.904 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Aquidauana (MS), 25 de Novembro de 2024.